

# Suplemento do Património

Mensal | Ano 15 | N.º 119 | distribuição gratuita | Revista Municipal

## Alvarenga em 1758: memória paroquial, toponímia e património

Luís SOUSA\* e Cristiano CARDOSO\*\*

### 1. INTRODUÇÃO

Dando continuidade ao artigo publicado na Revista Municipal de Lousada do passado mês de Dezembro<sup>1</sup>, direccionamos agora a atenção para a freguesia de Alvarenga.

Lembramos que o propósito destes textos concernentes às Memórias Paroquiais das freguesias do concelho de Lousada consiste em apresentar individualmente a redação da memória correspondente a cada freguesia, sendo tecidos breves comentários que visam um melhor esclarecimento do seu conteúdo.

### A freguesia

Pertenceu à Terra e ao Julgado de Lousada durante a Idade Média, permanecendo sempre ligada a este concelho ao longo do Antigo Regime. Em 1836, na sequência da reforma administrativa e territorial, o concelho de Lousada foi extinto, passando Alvarenga para o então criado concelho de Barrosas. Esta situação foi efémera pois, logo em 1838, Lousada recuperou a sua autonomia municipal, reunindo de novo as suas antigas freguesias. Em termos eclesiásticos pertenceu sempre ao arcebispado de Braga, passando para o bispado do Porto apenas em 1882. Na Idade Média era abadia de apresentação de particulares e confirmação do arcebispo. Nos inícios do século XVI os seus bens e rendimentos passaram a constituir comenda da Ordem de Cristo da qual era comendador o marquês de Angeja, que apresentava o pároco. A esta igreja andavam anexas as de São Tiago de Cernadelo e d'O Salvador de Vila Garcia.

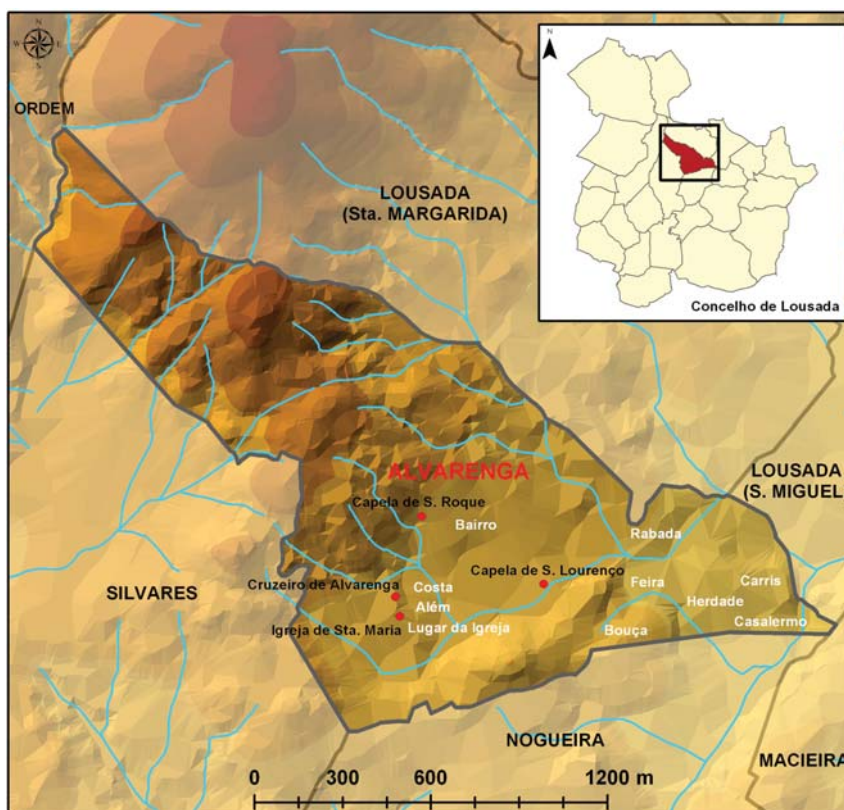


Fig. 1 - Mapa da freguesia de Alvarenga em 1758. Toponímia e Património.

### 2. MEMÓRIA PAROQUIAL DE ALVARENGA: TRANSCRIÇÃO

Jozé Alvares da Silva, reitor de Santa Maria de Alvarenga, deste Arcebispado de Braga Primaz, em cumprimento do decreto do Excelentíssimo Senhor Governador da Corte e cidade de Braga, respondo aos interrogatorios a mim cometidos pello mesmo Senhor, na forma e maneiras seguintes. Respondo ao 1.º Em esta Provincia de Entre Douro e Minho, do Arcebispado de Braga, comarca de Guimarães, concelho de Lousada, está situada esta freguesia de Santa Maria de Alvarenga. Ao 2.º Hé comenda do Excelen-

\* Arqueólogo. C. M. Lousada

\*\* Técnico Superior de História. C. M. Lousada

<sup>1</sup>CARDOSO, Cristiano; SOUSA, Luís – "Alentém em 1758: memória paroquial, toponímia e património", in *Revista Municipal de Lousada* (Suplemento do Património), ano 14, nº 115. Lousada: câmara Municipal, pp. 1-4.

tíssimo Senhor Dom Pedro, digníssimo Marquês de Angeja, de presente apresentada por concurso pelo Sereníssimo Senhor Dom Joze, que Deos tem em Gloria. Ao 3.º Está situada na cabeceira de hum valle, ao pé de hum monte, donde se descobrem varias freguezias, para a parte do Nascente athédistancia de duas legoas, pouco mais ou menos, com interpolações de alguns montes, com seus altos e baixos, e terras de cultura e incultas. Ao 4.º Tem quarenta e dois fogos, e pessoas e hum e outro sexo, cento e quarenta e duas, de uso de rezão. Ao 5.º Não tem termo em que domine. Consta de doze lugares, a saber, Igreja, Cavovilla, Além, Bairro, Bouça, Cunha, Costa, Rabada, Feira, Herdades, Curris, Cazalermo. Alguns destes constam de hum só casal. Seus limites partem do Norte a Nascente com a freguezia de Santa Margarida, Sam Miguel e Sam João da Macieira. E do Sul com Santa Cristina de Nugueira. E do Poente com Sam Miguel de Silvares. Do Poente para o Norte para o monte que caminha para a serra do Calvello. Ao 6.º Está situada a parochial igreja ao pé do monte, na cabeceira da freguezia, entre o lugar de Cavovilla e o de Além. E o mais vai declarado no quinto interrogatorio, e resposta della. Ao 7.º O orago desta igreja e freguezia hé o Dulcíssimo Nome de Santa Maria, que se festeja nesta freguezia, e dia oitavo de Setembro, festa de sua natevidade. Algum dia me consta se festejava no dia de sua Pureificação, a dois de Fevereiro. E tem esta igreja três altares, o maior em que está colocada a imagem da dulcissima padroeira Santa Maria, e ao pé della o Martir Sam Sebastião. Tem esta igreja duas confrarias, hua da Senhora do Rozario, fundada no altar colateral da mesma Senhora. E fica este para a parte de entre Poente e Norte. Outra do Menino Deos, funda no altar colateral, dedicado ao mesmo Menino Deos, e fica para a parte do Sul. Fazem-se as festas destas confrarias, a do Menino Deos, dia do seu santo nascimento ou seu oitavario. A da Senhora, a oito de Setembro, uniformas e junta com a da padroeira. Nenhuma destas confrarias tem rendimentos mais que as esmollas que pedem os ofeciais pella freguezia, para suas conservaçoens e culto. Ao 8.º Hé reitoria de apresentação ordinaria, como dito fica na reposta do segundo interrogatorio, de lemitados rendimentos, porque a congruahélemitada, e o pé de altar muito tenue, porque os moradores são poucos, como consta da resposta ao quarto interrogatorio. Os paçais também lemitados, por cuja rezão vive o reitor em consternação de pobreza, como eu exprimento, comprando todos os annos pão e vinho, para minha sustentação. Mas dou louvores a Deos e a Maria Santissima, a cujo culto e veneração sacrefico todos os meus desejos. Ao 9. 10. 11. 12. Não tenho que relatar. Ao 13. Tem esta freguezia duas capellas, hua de Sam Lourenço, sita no lugar da Feira, fora do lugar, entre huadeveza de carvalhos e castinheiros. Hé do



Fig. 2 - Igreja de Sta. Maria de Alvarenga.

povo, não tem rendimentos alguns. Tributa-çe-lhes o seu culto e veneração no seu dia a dez de Agosto, tudo das esmollas que dão os moradores desta freguezia. Nella se fazem alguns clamores desta freguezia. Foi antigamente grande romagem, no seculo presente só os da freguezia e poucas de fora aco-dem a sua veneração. Há outra capella de Sam Roque, que algum dia estava situada ao pé do cruzeiro desta igreja, em bom lugar, e proporcionando o seu culto e veneração e hera comuna para a veneração do povo. Hoje se acha no lugar do Bairro, em caza particular, que de presente domina Manoel Henriques Peixoto, morador na freguezia de Santa Margarida, vezinha a esta. Tem esta capella sinco medidas para fabrica. Não se festeja, nem a ella vão fazer oração os moradores, porque está sempre fichada, e muito desbaratada de fabrica ao presente. Ao 14. As romagens destas imagens se acabaram. E só se conserva a de Sam Lourenço, no seu dia proprio, e alguns dias que lá vão os clamores, tudo com demenuição de concurso. Ao 15. Os frutos desta terra que colhem os moradores della em maior abundancia hé milho e senteio, algum milho e pouco painço, vinho verde e moderado, que tanto se gasta na terra. E alguns annos com bastante tribulação dos que colhem pouco ou nenhum. Ao 16. Tem juiz ordinario e camera, cujo tribunal está cito no lugar do Torrão, freguezia de Silvares, com subordinação à ouvidoria da villa de Barcellos. Ao 17. 18. e 19. Não tenho que declarar, porque hé terra piquena e mais infecioza de vicios que resplandecente em Virtudes, Armas, nem Letras. Ao 20. Tem ou serve-se do correio que vai nas Quintas Feiras de Basto para o Porto, e vem do Porto nos Domingos, e passa pella estrada, entre os limites desta freguezia e Santa Cristina de Nugueiras, a palavra emendada hé Basto. Ao 21. Dista esta freguezia da cidade de Braga, cabeça deste Arcebispado Primaz, seis legoas, e da cidade de Lisboa, cabeça deste sempre leal e fidelissimo Reino de Portugal, sinco entalegoas, pouco mais ou menos. Ao 22. Dizem que goza dos privilegios da Serenissima Caza de Bragança. Ao 23. Tem varias fontes de cristalinas agoas, com virtude natural, mas nellas se não conhece especial e digna de relação. Ao 24. e 25. Não tenho que relatar *exdefectamateriae*. Ao 26. Não padeceo ruina alguma nos terremotos, mais do que o formidavel tremor que avalla-vaigrejas, cazas e toda a terra, que parecia se arruinava tudo; mas a Devina Providencia e Maria Santissima, a quem recorremos de deprecaçoins, suspendeo toda a ruina. Aos mais interrogatorios não tenho que dizer porque nos limites desta freguezia não há rios, castellos, nem serras, nem couza alguma mais comprehendida nos interrogatorios; nem fora delles digna da relação, pello que



Fig. 3 - Capela de São Roque na Casa do Bairro. Edifício à esquerda do portal carral.

sumeto a relação do meu lemitadodiscurso ao juízo dos meus precedentes vizinhos. Somente direi o que sinto a respeito da serra chamada do Calvello, que suposto fica entre os lemites de outras freguezias, tem esta nella suas entradas e sahidas, com liberdades de montear e cortar matos. Esta hé de natureza fragoza, e os matos são piquenos, a que o vulgo chamam queiró e algum carqueja, mas poucos. Nella se criam algumas rapozas, lebres, perdizes, mas tudo em pouca quantidade, ou pelo defeito da criação, ou por ser aspera para a conservação dos viventes ferinos, que nella habitam. Tem varias fontes, mas destas secam de Brão ou lançam pouca agoa. A distanciadella dirão os mais vezinhos a ella e della darão melhor conhecimento. Os reverendos parochos mais vezinhos são o reverendo abbade de Santa Margarida, o reverendo reitor de S. Cristina e o reverendo vigario de Silves, aos quois rogo aqui assinem comigo este toscano e lemitado discurso que devia ser proporcionado ao intento de quem o pede e manda, mas bem se mostra a pouca agelidade de minhas potencias e conturbação do meu animo *justa illud animum conturbatus non est aptus ad exequendum suum munus*. Em S. Maria de Alvarenga, hoje de Maio 28 de 1758. O reitor, Jozé Alvares da Silva. O abbade, João de Beça Ferreira. O vigario, Manoel Antonio de Santa Cristina de Nogueira, parchovezinho de Santa Maria de Alvarenga<sup>2</sup>. Fig. 1

### 3. PATRIMÓNIO, PERSONALIDADES E TOPONÍMIA

#### 3.1 - Património

##### 3.1.1 - Igreja de Santa Maria de Alvarenga

A Igreja Paroquial de Alvarenga (Fig.2) é um edifício de meados do século XVIII, arquitetonicamente modesta na dimensão, mas de construção cuidada e de bom recorte ornamental, especialmente exprimido ao nível dos elementos de cantaria. A sua edificação foi executada de um só impulso, sofrendo apenas uma alteração posterior que coincidiu com a ampliação do corpo da sacristia e que conferiu uma renovada leitura ao alçado norte. No interior conserva apenas o retábulo-mor, de finais do século XIX. Os laterais, de talha *rocaille* muito tardia, foram eliminados e as suas imagens colocadas sobre peanhas de pedra inseridas nos vãos criados pelos arcos. Ambos pertenceram a confrarias que sustentavam a sua fábrica: a de N. S. do Rosário e a do Menino Deus. Destaque para a imagem da padroeira, N. S. da Natividade, escultura de vulto pleno, com decoração vegetalista estofada, que atinge um metro de altura.<sup>3</sup> Este templo parece permanecer no primitivo local de elevação medieval. Para além de o edifício apresentar apenas um ligeiro desvio relativamente à orientação canónica que estes espaços usualmente adquirem no período indicado, foram evidenciados, num artigo saído na Revista Municipal de

Lousada<sup>4</sup>, medievos vestígios associados a enterramentos presentes na envolvente da igreja. A Oeste, na face oposta e junto à estrada que serve de acesso ao templo, vêem-se no perfil de um campo agrícola três sepulturas escavadas na rocha ainda com as respectivas tampas de cobertura compostas por lajes de média dimensão. Por sua vez, reaproveitada no muro Norte de delimitação do adro, voltada para a igreja, persiste uma tampa de sepultura, de cronologia baixo-medieval, tendo gravada uma cruz de braços retos.

##### 3.1.2 - Capela de São Lourenço

A capela de São Lourenço foi uma das mencionadas pelo pároco de Alvarenga nas *Memórias Paroquiais*, contudo já não restam quaisquer vestígios da sua construção. O próprio local onde terá estado erguida é dúbio. O pároco apenas refere que estaria *no lugar de Feyra, fora do lugar, entre huã devesa de carvalhos e castinheyros*. No início

do século XX ainda persistia em Alvarenga o topónimo *Monte de São Lourenço*, que era composto por sortes de mato e baldios, hoje transformados em zona de construção e campos agrícolas, tornando-se, por isso, improvável uma localização exacta da antiga capela. Era pública e não tinha rendimentos vinculados à sua fábrica (causa da sua provável ruína e desaparecimento). A crer no testemunho do padre, perdurava a memória de ter sido um grande centro de devoção e romagem, mas em 1758 já só a população local acorria ao seu culto.

##### 3.1.3 - Capela de São Roque

Encontra-se integrada no núcleo rural formado pela casa de Bairro, à esquerda do portal que antecede os aídos (Fig.3). Desde há muito desprovida de qualquer função religiosa, foi transformada em corte e dependência de apoio agrícola.

Segundo o pároco memorialista, esteve situada noutra local, junto ao cruzeiro paroquial, mas em 1758 já se encontrava anexa às casas de Manuel Henrique Peixoto, então senhor da casa do Porto e da casa do Bairro. O mesmo padre refere que a fábrica desta capela era constituída por cinco medidas de cereal e que andava, por essa época, *muytodisbaratada*, facto que terá contribuído para o seu descuido e esquecimento. No imóvel ainda é possível observar os elementos de cantaria da porta principal (emparedada) e dos cunhais, introduzidos em obra de reforma datada de 1717. Contudo, a capela, originalmente sob a invocação de dois oragos, São Sebastião e São Roque, foi instituída ainda no século XVI.

##### 3.1.4 – Cruzeiro de Alvarenga

Como vimos anteriormente, o cruzeiro de Alvarenga (Fig.4) vem mencionado na Memória Paroquial aquando da alusão da antiga localização da capela de São Roque. Trata-se de



Fig. 4 - Cruzeiro de Alvarenga.

<sup>2</sup>Idem, *ibidem*. pp. 294-296.

<sup>3</sup>SILVA, Elsa e CARDOSO, Cristiano – “Igreja de Santa Maria de Alvarenga”, in *Revista Municipal (Suplemento do Património)*. N.º 71. Lousada: Câmara Municipal, 2010.

<sup>4</sup>NUNES, Manuel; LEMOS, Paulo - “Arqueologia da morte no concelho de Lousada: tumulações medievais na Igreja de Santa Maria de Alvarenga”, in *Revista Municipal (Suplemento de Arqueologia)*. N.º 100. Lousada: Câmara Municipal, 2012, pp. 1-4.

um cruzeiro de pequenas proporções (1,50cm x 1,05cm), de perfil quadrangular (20cm x 20cm), com haste vertical e braços simples, apenas se destacando um sulco com função decorativa gravado na face principal e nas laterais, estando desprovida de qualquer labor a parte traseira. Compõe-se a base de um degrau parcialmente embebido no solo e de um “plinto”. Este último elemento, de planta quadrangular, corresponde a uma antiga base de prensa.

### 3.2 Toponímia

Na Memória Paroquial de 1758 relativa à freguesia de Alvarenga encontra-se a referência a 12 topónimos, que,

segundo o pároco memorialista, correspondem a igual número de lugares, que seriam de dimensão variada. A crer nas palavras do pároco relator, alguns dos lugares mencionados seriam muito pequenos, sendo somente constituídos por um casal.

Tecem-se seguidamente algumas considerações que visam esclarecer a origem etimológica dos topónimos elencados na Memória Paroquial. Na tabela que se segue os topónimos são apresentados com a forma denominativa da época, bem como a actual, se se constatar ser diferente a grafia, achando-se as expressões separadas por uma barra oblíqua.

| Denominação (antiga-1758/actual) | Nota etimológica/Ref. <sup>as</sup> bibliográficas/Observações                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Lugar da Igreja</b>           | Topónimo relacionado, por proximidade, com o sítio onde se acha erigida a igreja de Alvarenga.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Cavovilla/Cabo de Vila</b>    | O termo «Cabo» deverá aqui ser entendido como “extremidade” ou “fim” <sup>5</sup> . Neste caso dá-nos a indicação de que se trata de um lugar afastado da «Vila», isto é, de uma zona onde é evidente a presença de um certo número de casas mais/menos próximas e que se dispõem em redor de uma parcela agrária de boa dimensão.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Além</b>                      | Este topónimo está associado ao Casal de Além. Trata-se de um termo que expressa distância, isto é, que está para lá de um determinado ponto de referência. A curta distância da Igreja Paroquial pode aqui ser tida como a indicação de que se trata de um casal para além da igreja, numa leitura do espaço geográfico a partir de Poente da mesma.                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Bairro</b>                    | Significará no contexto da freguesia um lugar composto por casario junto, perfilado ao longo de um caminho ou estrada.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Bouça</b>                     | Terra inculta, imprópria para uma atividade agrícola extensiva.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Cunha</b>                     | Leite de Vasconcelos e Pedro Machado são da opinião que o topónimo «Cunha» nada tem que ver com o utensílio, relacionando-o ambos com raiz etimológica na palavra latina <i>culina</i> «cozinha». Para Almeida Fernandes estão incorretas as duas opiniões apontadas, considerando que o termo advém de uma contaminação (não cruzamento) de <i>cullina</i> (por <i>culina</i> ) com <i>collina</i> (por <i>colina</i> ), devendo, por isso, buscar-se em <i>colina</i> , de que derivam, por exemplo, as formas toponímicas – Colina>Coína>Coia>Cunha». Neste sentido, reforça Almeida Fernandes, «Cunha» é de origem topográfica – elevação <sup>6</sup> . |
| <b>Costa</b>                     | Parcela de um território marcado por uma topografia acidentada, isto é, de encosta <sup>7</sup> . Compreende usualmente a superfície a meia altura de um morro que se destaca na envolvente. Situa-se normalmente entre o cocuruto de um monte e o início do vale.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Rabada</b>                    | Este topónimo tem na opinião de José Pedro Machado duas origens possíveis. Uma é a de que exprime uma «armação de rede para pesca no rio» <sup>8</sup> , a outra de que vem de rabo, com sentido de extremidade <sup>9</sup> .                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Feira</b>                     | Local onde outrora houve algum tipo de mercado. Este topónimo, em Alvarenga, deverá relacionar-se, segundo informação colhida na freguesia, com uma antiga feira de gado.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Herdades/Herdade</b>          | Topónimo geográfico. Do lat. « <i>hereditate</i> »-. Aparece documentado em Portugal, a título de exemplo, como « <i>eredidade</i> » em 965 (PMH,DC, 57), como « <i>erdade</i> » em 976 (PMH,DC, 73) e « <i>ereditate</i> » em 983 (PMH,DC, 84) <sup>10</sup> . O mesmo que quinta. Propriedade de expressiva dimensão, composta por <i>ager</i> e monte.                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Curris/Carris</b>             | Trata-se de um topónimo invulgar. Julgamos que pela posição geográfica que ocupa na área da freguesia de Alvarenga possa ter que ver com uma estrada, de boa largura e de piso térreo compactado propício à circulação carrária, neste caso de veículos possivelmente puxados por animais cavaleiros.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Cazalermo/Casalermo</b>       | Topónimo que espelha a posição topográfica de um casal em local isolado relativamente a outros núcleos de povoamento em que se constata a presença de mais que uma unidade de carácter habitacional ou com outra funcionalidade. Por casal entende-se uma unidade agrícola composta pela habitação e por outras estruturas como a adega e lagar, celeiro ou palheiro, cortes para animais e lojas para recolha de alfaia agrícolas.                                                                                                                                                                                                                          |

<sup>5</sup>MACHADO, José Pedro - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. vol. I. Lisboa: Livros Horizonte, Ed. Confluência, 1993, p. 300.

<sup>6</sup>FERNANDES, A. de Almeida – *Toponímia Portuguesa: exame a um dicionário*. Arouca: Associação para a defesa da cultura arouquense, 1999, pp. 231-232.

<sup>7</sup>MACHADO, José Pedro - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. vol. I. Lisboa: Livros Horizonte, Ed. Confluência, 1993, p. 460.

<sup>8</sup>MACHADO, José Pedro - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. vol. III. Lisboa: Livros Horizonte, Ed. Confluência, 1993, p. 1231.

<sup>9</sup>MACHADO, José Pedro - *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, vol. V. Lisboa: Livros Horizonte, 1995.

<sup>10</sup>Machado, José Pedro (1995) - *op. cit.*, vol. III., pp. 212-213.